

TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS DO CONTO „MEIN BLEICHER BRUDER“ DE WOLFGANG BORCHERT

Micaela Marques Moura¹

Centro de Estudos Interculturais, ISCAP-P.PORTO

Nota introdutória:

Wolfgang Borchert nasceu a 20 de maio de 1921 em Hamburgo, filho único de um professor e de uma escritora. A sua propensão para as doenças e o ambiente familiar favorável à cultura contribuíram para o início precoce da escrita de poemas por parte de Borchert. Sem concluir o ensino escolar, iniciou a sua formação profissional como assistente de livraria e, em simultâneo, frequentou aulas de representação. Em 1941, Borchert foi convocado para a Segunda Guerra Mundial, mas foi dispensado várias vezes por motivos de saúde.

Depois da guerra tornou-se um dos representantes mais reconhecidos da literatura pós-guerra, também conhecida como *Trümmerliteratur* (literatura dos escombros ou dos destroços). A maior parte da sua obra literária foi produzida no breve espaço de tempo que medeia entre 1945 e 1947 e inclui poemas, textos em prosa e o drama *Draußen vor der Tür*, considerada uma das obras centrais da literatura alemã do pós-guerra. A peça retrata a exclusão e o sofrimento de Beckmann, um jovem repatriado que, após a Segunda Guerra Mundial, não consegue reintegrar-se numa sociedade destruída e indiferente. Com uma linguagem direta e emotiva, Borchert denuncia os efeitos psicológicos da guerra e a recusa de responsabilidade por parte da sociedade. O título simboliza a exclusão e o desenraizamento vividos por muitos na época.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2165-8149>; Email: marques7@iscap.ipp.pt

Wolfgang Borchert escreveu sobretudo contos e foi considerado o primeiro a ter reinventado este género no espaço alemão, inspirado por autores americanos de contos como Ernest Hemingway e Thomas Wolfe. Como explica Kilchenmann (1975: 140/141):

Für die jungen Schriftsteller lag 1945 der Grund zur Aussage vor allem im Stofflichen, in der Gestaltung der Überfülle an Erlebnissen aus dem Krieg, der Gefangenschaft und der unmittelbaren Nachkriegszeit. Es galt eine Form zu finden, die der Problematik des Menschen, der durch die Hölle des Krieges mit seiner Zerstörung alles Gewesenen und aller Werte gegangen war, der in einer Welt von materiellen und geistigen Ruinen lebte, eine adäquaten Ausdruck zu verleihen vermochte. Die konzessionslose Form der Kurzgeschichte mit ihrer Verdichtung, Raffung, Sprunghaftigkeit, mit ihrer Sprache, die nichts beschönigt und doch ahnen lässt, mit ihrem Einklang von Klang-, Sprach- und Denkgebilden, mit ihrer Form die dem Gehalt nicht dient, sondern ihm ebenbürtig mitschaffend zur Seite steht in der Gestaltung eines Anliegens, musste ihrer So-Sein wegen die angemessene Form des Ausdrucks werden.

O conto aqui traduzido „O meu irmão pálido“ integra a coletânea „An diesem Dienstag“ (1947) e narra a descoberta do cadáver do soldado Heller por parte de um tenente, durante o decurso da guerra. Esta visão, no meio de uma paisagem coberta de neve de uma beleza idílica, conduz o tenente a um intenso monólogo interior, onde reflete sobre a alegria de Heller e o desrespeito provocado pelas constantes provocações deste.

Após encontrar o cadáver, o tenente regressa ao bunker, onde é aguardado pelos rostos exaustos dos outros soldados. Num discurso despido de emotividade, o informador comunica a situação de Heller. O texto culmina com uma atmosfera opressiva, que ilustra a futilidade e a crueldade da guerra e a rotina contínua da vida militar. Tematiza também o desgaste psicológico e as tensões interpessoais que se agravam em circunstâncias extremas.

Wolfgang Borchert morreu de doença hepática a 20 de setembro de 1947.

Tradução:**O meu irmão pálido**

Nunca nada foi tão branco como esta neve. Era quase azul. Azul-esverdeada. Tão terrivelmente branca. O sol mal se atrevia a ser amarelo por causa desta neve. Nunca nenhuma manhã de domingo tinha sido tão limpa como esta. Só ao fundo havia uma floresta azul-escura. Mas a neve era recente e limpa como o olho de um animal. Nenhuma neve tinha sido tão branca como esta, nesta manhã de domingo. Nenhuma manhã de domingo foi tão limpa. O mundo, este mundo nevado de domingo, estava a rir.

Mas algures havia uma mancha. Era uma pessoa deitada na neve, curvada, de barriga para baixo, uniformizada. Uma trouxa de trapos. Uma trouxa esfarrapada de peles e nós dos dedos, couro e tecido. Preto-avermelhado, com manchas de sangue seco. Cabelo muito morto, morto como uma peruca. Torcido, gritando o seu último grito na neve, ladrando ou rezando talvez: um soldado. Uma mancha na neve branca nunca vista na mais limpa das manhãs de domingo. Pintura de guerra expressiva, rica em nuances, tema tentador para aguarelas: Sangue e neve e sol. Neve fria, fria com sangue quente e fumegante. E acima de tudo, o querido sol. O nosso querido sol. Todas as crianças do mundo dizem: o querido, querido sol. E que brilha sobre um homem morto que grita o grito inaudível de todas as marionetas mortas: O grito mudo, terrível e mudo. Quem de nós, levanta-te irmão pálido, oh, quem de nós consegue suportar os gritos mudos das marionetas quando são arrancadas dos fios e ficam deitadas tão estupidamente deslocadas no palco? Quem, oh, quem de nós pode suportar os gritos silenciosos dos mortos? Só a neve aguenta, a neve gelada. E o sol. O nosso querido sol.

Em frente à marioneta rasgada estava uma que ainda estava intacta. Ainda a funcionar. Em frente ao soldado morto estava um soldado vivo. Nesta manhã limpa de domingo, na neve

branca nunca antes vista, o que estava de pé fez o seguinte discurso terrivelmente silencioso para o que estava deitado:

Sim. Sim, sim. Sim, sim, sim, sim. É o fim da tua boa disposição, meu querido. Com o teu eterno bom humor. Agora não vais dizer nada, pois não? Agora já não te ris, pois não? Se as tuas miúdas soubessem o quão miserável estás agora, meu querido. Pareces bastante patético sem o teu bom humor. E nesta posição ridícula. Porque é que puxaste as pernas tão temerosamente para cima do estômago? Oh, claro, levaste com uma nas tripas. Manchaste-te com sangue. Parece pouco apetitoso, meu querido. Sujaste o teu uniforme todo. Parecem manchas de tinta preta. É bom que as tuas miúdas não vejam isso. Sempre foste assim com o teu uniforme. Tudo assentava à perfeição. Quando chegaste a cabo, só usavas botins de couro envernizado. E eles eram polidos durante horas, quando era para ir cidade à noite. Mas agora tu, já não vais à cidade. As tuas miúdas trocam-te pelos outros. Porque já não vais a andar de todo, percebes? Nunca mais, meu querido. Nunca nunca mais. Agora já não te ris com o teu eterno bom humor. Agora estás deitado como se não conseguisses contar até três. Também não consegues. Nem sequer sabes contar até três. Isso é pouco, meu querido, extremamente pouco. Mas isso é uma coisa boa, uma coisa muito boa. Porque nunca mais me vais dizer “Meu irmão pálido pálpebra caída”. Nunca mais, meu querido. De agora em diante nunca mais. Nunca mais, tu. E os outros nunca mais te vão festejar por isso. Os outros nunca mais se vão rir de mim quando disseres “Meu irmão pálido pálpebra caída” para mim. Isso vale muito, sabes? Vale muito para mim, posso dizer-te isso. Porque eles, na verdade, já me atormentavam na escola. Não me largavam. Porque o meu olho tem aquele pequeno defeito e porque a minha pálpebra está descaída. E porque a minha pele é tão branca. Tão esquisita. O nosso anémico parece tão cansada outra vez, diziam sempre. E as raparigas perguntavam sempre se eu já estava a dormir. O meu olho já estaria meio fechado. Com sono, diziam, tu, eu estaria com sono. Gostava de

saber qual de nós está com sono agora. Tu ou eu, eh? Tu ou eu? Quem é o meu irmão pálido pálpebra descaída agora? Como? Quem então, meu querido, tu ou eu? Eu, por acaso?

Quando fechou a porta do bunker atrás de si, uma dúzia de rostos cinzentos vieram na sua direção dos cantos. Um deles era o do sargento. Encontrou-o, Senhor Tenente? perguntou o rosto cinzento, com um ar terrivelmente cinzento.

Sim. Junto aos abetos. Um tiro no estômago. Devemos trazê-lo?

Sim. Junto aos abetos. Sim, claro. Ele tem de ser trazido. Junto aos abetos.

A dúzia de rostos cinzentos desapareceram. O tenente sentou-se junto ao fogão de lata e tirou piolhos a si próprio. Tal como ontem. Ontem também tinha tirado piolhos. Alguém devia vir ao batalhão. De preferência, o próprio tenente. Enquanto vestia a camisola, escutava. Estava a disparar. Nunca tinha disparado assim. E quando o mensageiro voltou a abrir a porta, viu a noite. Nunca uma noite tinha sido tão negra, pensou ele. Sargento Heller, cantava. Falou das suas miúdas numa das suas turnês. E depois este Heller tinha dito com o seu eterno bom humor: "Senhor Tentente, eu não iria para o batalhão. Eu pediria primeiro rações duplas. Nas suas costelas dá para tocar xilofone. É uma pena o seu aspeto. Foi o que Heller disse. E no escuro, todos eles sorriram, e um deles teve de ir para o batalhão. Então ele disse: Bem, Heller, então acalme-se. E o Heller disse: Sim, sim. Foi só isso. Nunca se dizia mais nada. Simplesmente: Sim, sim. E depois o Heller foi-se embora. E depois o Heller não voltou.

O tenente tirou a camisa. Ouviu-os lá fora a voltar. Os outros. Com o Heller. Ele nunca mais me vai dizer "Meu irmão pálido pálpebra descaída", sussurrou o tenente. Ele nunca mais me vai dizer isso de agora em diante. Um piolho ficou preso entre as unhas do polegar. Ouviu-se um estalo. O piolho estava morto. Na testa – tinha uma pequena mancha de sangue.

Texto original:**Mein bleicher Bruder**

Noch nie war etwas so weiß wie dieser Schnee. Er war beinah blau davon. Blaugrün. So fürchterlich weiß. Die Sonne wagte kaum gelb zu sein von diesem Schnee. Kein Sonntagmorgen war jemals so sauber gewesen wie dieser. Nur hinten stand ein dunkelblauer Wald. Aber der Schnee war neu und sauber wie ein Tierauge. Kein Schnee war jemals so weiß wie dieser an diesem Sonntagmorgen. Kein Sonntagmorgen war jemals so sauber. Die Welt, diese schneeige Sonntagswelt, lachte.

Aber irgendwo gab es dann doch einen Fleck. Das war ein Mensch, der im Schnee lag, verkrümmt, bäuchlings, uniformiert. Ein Bündel Lumpen. Ein lumpiges Bündel von Häutchen und Knöchelchen und Leder und Stoff. Schwarzrot überrieselt von angetrocknetem Blut. Sehr tote Haare, perückenartig tot. Verkrümmt den letzten Schrei in den Schnee geschrien, gebellt oder gebetet vielleicht: Ein Soldat. Fleck in dem niegesehenen Schneeweiß der saubersten aller Sonntagmorgende. Stimmungsvolles Kriegsgemälde, nuancenreich, verlockender Vorwurf für Aquarellfarben: Blut und Schnee und Sonne. Kalter kalter Schnee mit warmem dampfendem Blut drin. Und über allem die liebe Sonne. Unsere liebe Sonne. Alle Kinder auf der Welt sagen: die liebe, liebe Sonne. Und die bescheint einen Toten, der den unerhörten Schrei aller toten Marionetten schreit: Den stummen fürchterlichen stummen Schrei. Wer unter uns, steh auf bleicher Bruder, oh, wer unter uns hält die stummen Schreie der Marionetten aus, wenn sie von den Drähten abgerissen so blöde verrenkt auf der Bühne rumliegen? Wer, oh, wer unter uns erträgt die stummen Schreie der Toten? Nur der Schnee hält das aus, der eisige. Und die Sonne. Unsere liebe Sonne.

Vor der abgerissenen Marionette stand eine, die noch intakt war. Noch funktionierte. Vor dem toten Soldaten stand ein lebendiger. An diesem sauberen Sonntagmorgen im niegesehenen weißen Schnee hielt der Stehende an den Liegenden folgende fürchterlich stumme Rede:

Ja. Ja ja. Ja ja ja. Jetzt ist es aus mit deiner guten Laune mein Lieber. Mit deiner ewigen guten Laune. Jetzt sagst du gar nichts mehr, wie? Jetzt lachst du wohl nicht mehr, wie? Wenn deine Weiber das wüssten, wie erbärmlich du jetzt aussiehst, mein Lieber. Ganz erbärmlich siehst du ohne deine gute Laune aus. Und in dieser blöden Stellung. Warum hast du denn die Beine so ängstlich an den Bauch rangezogen? Ach so, hast einen in die Eingeweide gekriegt. Hast dich mit Blut besudelt. Sieht unappetitlich aus, mein Lieber. Hast dir die ganze Uniform damit bekleckert. Sieht aus wie schwarze Tintenflecke. Man gut, dass deine Weiber das nicht sehn. Du hattest dich doch immer so mit deiner Uniform. Saß alles auf Taille. Als du Korporal wurdest, gingst du nur noch mit Lackstiefeletten. Und die wurden stundenlang gebohnt, wenn es abends in die Stadt ging. Aber jetzt gehst du nicht mehr in die Stadt. Deine Weiber lassen sich jetzt von den andern. Denn du gehst jetzt überhaupt nicht mehr, verstehst du? Nie mehr, mein Lieber. Nie nie mehr. Jetzt lachst du auch nicht mehr mit deiner ewig guten Laune. Jetzt liegst du da, als ob du nicht bis drei zählen kannst. Kannst du auch nicht. Kannst nicht mal mehr bis drei zählen. Das ist dünn, mein Lieber, äußerst dünn. Aber das ist gut so, sehr gut so. Denn du wirst nie mehr «Mein bleicher Bruder Hängendes Lid» zu mir sagen. Jetzt nicht mehr, mein Lieber. Von jetzt ab nicht mehr. Nie mehr, du. Und die andern werden dich nie mehr dafür feiern. Die andern werden nie mehr über mich lachen, wenn du «Mein bleicher Bruder Hängendes Lid» zu mir sagst. Das ist viel wert, weißt du? Das ist eine ganze Masse wert für mich, das kann ich dir sagen. Sie haben mich nämlich schon in der Schule gequält. Wie die Läuse haben sie auf mir herumgesessen. Weil mein Auge den kleinen Defekt hat und weil das Lid runterhängt. Und weil meine Haut so weiß ist. So käsig. Unser Blässling sieht schon wieder so müde aus, haben sie immer gesagt. Und die Mädchen haben immer gefragt, ob ich schon

schliefe. Mein eines Auge wäre ja schon halb zu. Schläfrig, haben sie gesagt, du, ich wär schläfrig. Ich möchte mal wissen, wer von uns beiden jetzt schläfrig ist. Du oder ich, wie? Du oder ich? Wer ist jetzt «Mein bleicher Bruder Hängendes Lid»? Wie? Wer denn, mein Lieber, du oder ich? Ich etwa?

Als er die Bunkertür hinter sich zumachte, kamen ein Dutzend graue Gesichter aus den Ecken auf ihn zu. Eins davon gehörte dem Feldwebel. Haben Sie ihn gefunden, Herr Leutnant? fragte das graue Gesicht und war fürchterlich grau dabei.

Ja. Bei den Tannen. Bauchschuss. Sollen wir ihn holen?

Ja. Bei den Tannen. Ja, natürlich. Er muss geholt werden. Bei den Tannen.

Das Dutzend grauer Gesichter verschwand. Der Leutnant saß am Blechofen und lauste sich. Genau wie gestern. Gestern hatte er sich auch gelaust. Da sollte einer zum Bataillon kommen. Am besten der Leutnant, er selbst. Während er dann das Hemd anzog, horchte er. Es schoss. Es hatte noch nie so geschossen. Und als der Melder die Tür wieder aufriß, sah er die Nacht. Noch nie war eine Nacht so schwarz, fand er. Unteroffizier Heller, der sang. Der erzählte in einer Tour von seinen Weibern. Und dann hatte dieser Heller mit seiner ewig guten Laune gesagt: Herr Leutnant, ich würde nicht zum Bataillon gehn. Ich würde erst mal doppelte Ration beantragen. Auf Ihren Rippen kann man ja Xylophon spielen. Das ist ja ein Jammer, wie Sie aussehen. Das hatte Heller gesagt. Und im Dunkeln hatten sie wohl alle gegrinst, Und einer musste zum Bataillon. Da hatte er gesagt: Na, Heller, dann kühlen Sie Ihre gute Laune mal ein bisschen ab. Und Heller sagte: Jawohl. Das war alles. Mehr sagte man nie. Einfach: Jawohl. Und dann war Heller gegangen. Und dann kam Heller nicht wieder.

Der Leutnant zog sein Hemd über den Kopf. Er hörte, wie sie draußen zurückkamen. Die andern. Mit Heller. Er wird nie mehr «Mein bleicher Bruder Hängendes Lid» zu mir sagen, flüsterte der Leutnant. Das wird er von nun an nie mehr zu mir sagen. Eine Laus geriet zwischen

seine Daumennägel. Es knackte. Die Laus war tot. Auf der Stirn – hatte er einen kleinen Blutspritzer.

Referências bibliográficas:

Bär, G. (Org.), (2022). *Wolfgang Borchert – Poemas e Contos*. Universidade Aberta.

Borchert, W., (2021). *Alle Werke, alle Schriften – Das Gesamtwerk*. Aurabooks.

Große, W., (1995). *Wolfgang Borchert – Kurzgeschichten – Interpretation*. Oldenbourg Verlag.

Kilchenmann, R.J., (1975). *Die Kurzgeschichte – Formen und Entwicklung*. Verlag W. Kohlhammer.

Rühmkorf, P., (1961). *Wolfgang Borchert in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Rowohlt.